

MEMÓRIA SOCIAL, IDENTIDADE E NARRATIVA: AS HISTÓRIAS DE VIDA CONTADAS POR MORADORES DE NITERÓI-RJ

Carolina Manfredi de Oliveira

Psicóloga pelas Faculdades Integradas Maria Thereza (FAMATH)

psicarolinamoliveira@gmail.com

Kátia Cabral de Oliveira

Psicóloga pelas Faculdades Integradas Maria Thereza (FAMATH)

katiabral@gmail.com

Aline Peixoto Valle da Paz

Psicóloga pelas Faculdades Integradas Maria Thereza (FAMATH)

aline.peixoto.paz@gmail.com

Cíntia de Sousa Carvalho

Psicóloga pela Universidade Federal do Mato Grosso, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e Docente Efetiva do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES)

psi.cintiacarvalho@gmail.com

Luciana Ferreira Barcellos

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Pós-Doutoranda em Educação (PNPD/CAPES) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDU) da Universidade Federal de São João Del Rei

lucianafbarcellos@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar de que modo alguns moradores niteroienses criam sentidos para suas experiências, por meio da narrativa das histórias de vida. A pesquisa de campo, de cunho qualitativo, teve como recurso metodológico as *entrevistas-conversa*. Foram entrevistados cinco moradores de Niterói, cidade situada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 03 mulheres e 02 homens, entre 49 e 81 anos de idade. Temas como relações familiares, violação de direitos, saudosismo e mudanças da cidade de Niterói surgiram com mais evidência. As narrativas mnemônicas podem ser consideradas constituições importantes de histórias de

indivíduos que, muitas vezes, não são ouvidos do ponto de vista sócio-político. Na sociedade moderna perde espaço tanto a figura do ouvinte – que empresta riqueza às histórias ao escutá-las –, como também a figura do narrador, silenciado pela dificuldade de encontrar sujeitos que os escutem. Tais narrativas possuem importância à medida que permitem o compartilhamento e afirmação de legados culturais, que, muitas vezes, são apagados pela falta de tempo. É, portanto, por meio da necessidade de se conhecer histórias ainda não contadas, que nos propusemos a trabalhar, como pesquisadores-escutadores, abrindo espaço para a memória de indivíduos que quiseram compartilhar suas histórias, desvelando Niteróis ainda pouco conhecidas.

Palavras-chave: Memórias. Narrativa. Niterói.

SOCIAL MEMORY, IDENTITY AND NARRATIVE: THE LIFE STORIES TOLD BY NITEROI-RJ RESIDENTS

ABSTRACT: This article aims to investigate how some people from Niteroi create meaning for their experiences, through the narrative of life stories. The qualitative field research utilized interview-talks as methodological resource. Five residents of Niterói, a city located in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, three women and two men, between 49 and 81 years of age, were interviewed. Issues such as family relations, violation of rights, nostalgia and changes in the city of Niterói emerged with more evidence. Mnemonic narratives can be considered important constitutions of stories of individuals who are often not heard from a socio-political point of view. In modern society, both the figure of the listener - who lends wealth to the stories when listening to them - loses space, as well as the figure of the narrator, silenced by the difficulty of finding subjects who listen to them. They are important as they allow the sharing and affirmation of cultural legacies, which are commonly forgotten for the lack of time for human interaction. It is, therefore, through the need of getting to know stories not yet told, that we set out to work, as researcher-listeners, making room for the memory of individuals who wanted to share their stories, revealing Niterois still little known.

Key-words: Memories. Narrative. Niteroi.

1. INTRODUÇÃO

Narrar e escutar histórias são práticas sociais que buscam dar sentido à vida, bem como possibilitam um furo no tempo, ao permitir que pessoas e fatos possam continuar na memória. Podemos chamar de narradores e protagonistas aqueles que contam suas histórias de vida em primeira pessoa, pois possuem um legado cultural, um saber que os move e que pode auxiliar outros a criar sentidos às suas próprias vidas.

Narrar é ainda uma maneira de dar contorno à nossa identidade¹, ato que reforça e engrossa também a identidade coletiva dos grupos aos quais pertencemos. As histórias do cotidiano – repleta de saberes e fazeres – vão se tornando a matéria-prima de uma história mais ampla, que liga nossa história pessoal à história dos nossos grupos de referência. Mesmo porque, somos também contados pelos outros, posto que muitas de nossas histórias chegam até nós através das palavras daqueles com os quais convivemos. É nesse sentido que afirmamos que rememorar é uma prática social de invenção de si e do outro, pois a medida em que minha própria história vai se tornando mais clara para mim, é também a história dos outros que vai ganhando outras dimensões e texturas.

É nesta direção que o trabalho com a memória pode se tornar um catalisador de encontros: do indivíduo consigo mesmo, do indivíduo com sua história e do indivíduo com outros indivíduos e a cultura. Com isso, necessariamente esse artigo se insere numa determinada crítica aos nossos modos de organização social atuais, pautados em valores como o individualismo, a celeridade e o produtivismo tecnicista. O trabalho com a memória, isto é, com as narrativas das histórias de vida, surge como possibilidade de operar um furo nesta lógica, pois entendemos que indivíduos desengajados de si, – submetidos à pressão do aqui e agora da urgência – são atravessados pelos imperativos das tecnologias e do isolamento social, tornando-se mais suscetíveis a criarem uma vida esvaziada de sentido.

A despeito da capacidade que temos de desenvolver nosso potencial criativo, este contexto de profundo enfraquecimento do laço social esvazia a possibilidade de atuarmos

¹ Aqui entendemos identidade tal como pronunciado por Pollak (1992): “Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. (p. 05)

criticamente. Portanto, é com o intuito de desenvolver uma análise crítica a respeito destes processos, responsáveis pelas formas de segregação social e de assujeitamento dos indivíduos, que apostamos no trabalho centrado no encontro e na escuta sensível, de si e do outro, por meio das narrativas orais.

A história oficial insiste em fazer uma determinada seleção dos fatos e dos personagens autorizados a contá-los, de modo a criar uma narrativa única acerca dos acontecimentos da vida. Em contraponto, o trabalho com as histórias de vida visa criar espaços para aquelas histórias marginais, não narradas pelos discursos oficiais, mas que sobrevivem silenciosamente nas práticas cotidianas. São essas histórias que animam a memória de um povo, fazendo-o se conectar com sua própria história e com seus desejos, pois só é possível saber por onde queremos andar, se olharmos para o caminho que já trilhamos.

É a possibilidade de estabelecermos uma determinada conexão com nosso passado, dotando de valor, que há a possibilidade de, no presente, questionarmos os discursos que insistem em esvaziar nossa trajetória, nossos direitos, nossa singularidade. As histórias narradas e documentadas tornam-se, desse modo, patrimônio da humanidade, garantindo o acolhimento e transmissão de um punhado de experiências de inestimável valor para as gerações futuras. E é justamente a investigação em relação a esta dimensão política da memória, o que nos interessa explorar.

Desta forma, o presente artigo possui dois objetivos principais, a saber: a) investigar de que modo moradores da cidade de Niterói-RJ criam sentidos para suas experiências, por meio da narrativa de suas histórias de vida; b) analisar de que maneira as histórias contadas se articulam, isto é, em que eixos as narrativas se interligam, apontando para uma história mais ampla da própria cidade, e em que eixos elas se distanciam, revelando os percursos singulares. Para tanto, além da pesquisa de campo propriamente dita, nos valeremos das contribuições de autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin e Ecléa Bosi.

2. REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com a psicóloga Marília Amorim (2010), nas sociedades de cultura oral, a narrativa e o compartilhamento da tradição e das memórias ocupavam um lugar de destaque.

Entretanto, com o espraiamento da técnica mnemônica da escrita, boa parte da atividade de

rememoração passa a ser condicionada a esse novo registro. Muda-se, portanto, o modo como as sociedades passam a lidar com a memória.

Na cultura contemporânea, com o advento das tecnologias, apresenta-se uma nova forma das sociedades lidarem com os registros de sua própria história, agora, submetidos às plataformas digitais. A autora se indaga acerca desses novos dispositivos: o que ganhamos e o que perdemos com o aparecimento destas plataformas? Expandimos nossa capacidade de recordar e dar suporte às novas memórias, ou embotamos nossa possibilidade de narrar?

A indagação de Amorim nos leva às reflexões do filósofo Walter Benjamin (1994a), que travou uma intensa discussão acerca da tradição oral. Para o autor, o que é compartilhado de pessoa a pessoa engrossa o fio da história humana. Com isso, a narrativa se dá com base na atividade da rememoração, do contar para se afirmar os legados de cultura e para denunciar aquilo que não se pretende repetir.

Entretanto, tal como nos fala Amorim (2010), é preciso atentar para todo um conjunto de mudanças sociais que possibilitaram a emergência de novos códigos de transmissão cultural, esvanecendo a figura do narrador e enfraquecendo a transmissão dos legados culturais. Ao narrar, não apenas se conta histórias, mas se materializa uma relação entre o acontecimento narrado e uma reflexão sobre a própria materialidade da vida no presente. Portanto, na sociedade moderna perde espaço tanto a figura do ouvinte – que empresta riqueza às histórias ao escutá-las –, como também a figura do narrador, silenciado pela dificuldade de encontrar sujeitos que os escutem. Com tal desaparecimento, não somente deixa de existir um importante modo de expressão da cultura, mas desvanece-se também a experiência humana vivida em sua dimensão sensível, dada a capacidade de intercambiar experiências, encarnada na tradição e na sabedoria.

Vimos, portanto, que para Benjamin a memória não é percebida como um processo neurológico, mas antes, é compreendida em seu aspecto relacional. É porque temos o outro, que o desejo e a necessidade de compartilhar experiências se enuncia, dando prosseguimento ao projeto coletivo de criar sentido para a vida.

À luz das reflexões benjaminianas, o sociólogo Maurice Halbwachs desenvolve o conceito de memória social, caro a este trabalho. No início do século passado, o autor produziu uma reflexão que rompeu com uma concepção de memória entendida como fenômeno interno e individual, perspectiva amplamente aceita à época. O autor compreendia que a memória se

constitui sempre a partir de uma rede coletiva, em diálogo estreito com a identidade dos sujeitos e com a cultura, sendo um importante fator para a coesão e identidade social. De acordo com Halbwachs (2006), a memória, ainda que vivida num nível individual, aponta necessariamente para uma dimensão coletiva, porque a ação de lembrar é sempre atravessada por uma troca intersubjetiva que não cessa.

Se com Halbwachs entendemos que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (2006, p. 69), então reconhecemos que nenhuma história se sobrepõe à outra, nenhuma história compete com a outra. Ainda que as histórias individuais sejam experimentadas a partir de pontos de vista singulares, são necessariamente formatadas no âmbito sociocultural, sendo, portanto, por excelência, intercambiáveis. Assim, quanto mais as diferentes memórias se comunicam, mais ampliam as possibilidades de enriquecimento mútuo das experiências vividas.

Pensar a memória nos termos propostos acima implica em compreendê-la, porquanto, como um instrumento político. Benjamin (1994b) construiu uma reflexão acerca das relações entre o progresso e a história, tratando do tema da memória. O autor critica a historiografia tradicional que concebe a história como a apreensão unilateral dos acontecimentos, alicerçada num tempo que é homogêneo, cronológico e linear. A busca pela fidedignidade da história instituiu um enredo histórico narrado de modo a hierarquizar acontecimentos, perseguindo a pretensão de que seria possível entoar uma história oficial. O passado, para o autor, é uma série interminável de barbáries cometidas à guisa do dito progresso, que só é alcançado a partir da opressão dos silenciados da história. Ao escovar a história à contrapelo, Benjamin busca destituir o elo causal que separa passado, presente e futuro, trabalhando de modo a resgatar a interligação existente entre esses três tempos, pois o presente é o momento de se construir um futuro com os olhos voltados para o passado.

Para Benjamin, o passado é sempre inacabado, precisa ser (re)visitado, (re)apropriado, (re)significado para que o presente e o futuro possam ser alterados. Nesta concepção, a história passa a ser compreendida como um mosaico engendrado pela pluralidade de modos de experimentar as continuidades e discontinuidades do tempo. Portanto, Benjamin (1994b) se posiciona de modo crítico a esta historicidade, propondo uma ruptura desse contínuo da história por meio da rememoração.

3. MÉTODO

A pesquisa de campo aqui apresentada diz respeito a uma investigação de cunho qualitativo. Foram realizadas entrevistas abertas, numa dinâmica próxima a uma conversa, guiadas pela seguinte questão inicial: conte-nos a sua história. Tal como em um diálogo, todas as demais questões foram produzidas de acordo com o discurso do participante, permitindo que ele pudesse ficar à vontade para construir sua narrativa, no seu ritmo e conforme seu tempo. Essa *entrevista-conversa*, realizada por pesquisadores-escutadores, baseia-se nas reflexões da psicóloga social Ecléa Bosi (2003), que considera importante a compreensão da rememoração como um ato de criação concretizado na tensão entre vivido e contado sobre o vivido. É, portanto, considerável a presença de lapsos, esquecimentos, silêncios e incertezas, pois são discontinuidades que legitimam o exercício de liberdade da memória.

Bosi (2003) aborda ainda a respeito temporalidade subjetiva do entrevistado, concluindo que na escuta das narrativas de memória é necessário dar espaço à experiência subjetiva temporal, que se diferencia da lógica do relógio. Isto quer dizer que o que mais importa no momento da *entrevista-conversa* é a temporalidade vivida pelo interlocutor.

As *entrevistas-conversa* foram realizadas com alguns moradores de Niterói/RJ (cidade situada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com cerca de 400 mil habitantes²), cerca de cinco (03 mulheres e 02 homens), entre 49 e 81 anos, normalmente em suas residências ou locais por eles escolhidos. Cada entrevistado pôde indicar outra pessoa que considerasse importante para participar da pesquisa. No que diz respeito ao público-alvo, privilegiou-se, inicialmente, moradores idosos, que pudessem nos contar histórias vividas num amplo espaço de tempo.

A proposta inicial da pesquisa foi conhecer as histórias não contadas pelo discurso oficial, sendo, portanto, privilegiada a participação de habitantes cujas experiências estão marcadas pela marginalidade, como pessoas de baixa renda, moradores de rua e/ou institucionalizadas em lares de convivência. Com o decorrer da pesquisa, entretanto, observou-se a importância de diversificar esse público-alvo, ouvindo as narrativas também de pessoas de outros níveis

² Niterói é uma cidade que fica a de 20 km do centro da cidade do Rio de Janeiro. Tal proximidade permite que muitas pessoas morem em uma das cidades e estudem/trabalhem na outra, formando uma intensa interdependência entre esses dois espaços. A escolha por Niterói respondeu a dois critérios: o primeiro, por haver menor quantidade de estudos em comparação à cidade do Rio de Janeiro; e o segundo, porque a maior parte das pesquisadoras são moradoras de Niterói e possuem uma rede afetiva com o espaço.

econômicos e de outras idades, ampliando, assim, o objetivo metodológico inicial. Isso ocorreu especialmente por conta da dificuldade em encontrarmos pessoas dispostas a participarem da pesquisa e que estivessem encaixadas no perfil definido inicialmente (perfil este que estava distante da realidade imediata das pesquisadoras). Com a mudança do perfil, muitos outros sujeitos tornaram-se parte do grupo que nos interessava, bem como estes sujeitos mostraram-se interessados. O método da indicação foi utilizado para que pudéssemos chegar até os entrevistados.

A quantidade de participantes deste estudo refere-se à riqueza de relatos que foram surgindo. Após a ampliação do perfil e a realização dessas cinco entrevistas, percebemos que para uma análise mais profunda do material que foi surgindo, seria necessário não termos um número muito superior. Destarte, o número justifica-se ainda por estarmos mais interessados nos sentidos das narrativas do que na recorrência qualitativa dos conteúdos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise e alguns dos entrevistados permitiram fotografar. Todos aceitaram participar da pesquisa e assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). As entrevistas transcritas foram analisadas e separadas em categorias (blocos temáticos) para posterior análise. A pedido das pesquisadoras, cada entrevistado nomeou sua história de vida, títulos que serão apresentados a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos que, apesar dos assuntos surgidos abordarem experiências vividas numa mesma cidade, a forma diversificada com que cada participante foi atravessado por esta vivência despontou nos discursos. Cada cidade é um universo plural, composto por contradições e semelhanças, representações que, por vezes, entram em choque (WORCMAN; PEREIRA, 2006). Temas como relações familiares, violação de direitos, saudosismo e mudanças da cidade de Niterói surgiram com mais evidência.

Quando a entrevistada Silvia, de 49 anos, relata seu amor e reconhecimento pela cidade, que ofereceu grandes oportunidades de morar, estudar e trabalhar, ela não aponta tão somente para a cidade, mas também para sua própria identidade. A entrevistada escolhe o Campo de São Bento como um local importante, onde, quando criança, andava de patins. Hoje, o mesmo local abriga seu local de trabalho.

O amor que Silvia demonstra pela cidade diz respeito a uma Niterói que ofereceu grandes oportunidades, uma cidade moderna e bonita, onde conseguiu trabalho e diversão. Ela ainda exalta o bairro em que reside, Várzea das Moças, por ser perto de uma reserva florestal que torna sua moradia tranquila e sossegada. A entrevistada sugeriu que registrássemos sua varanda para mostrar a floresta em frente à sua janela.

As memórias trazidas por esta participante são em grande parte saudosistas, de reconhecimento por uma cidade que revolucionou positivamente sua vida. Não por acaso ela nomeia sua história da seguinte maneira: "*Mais uma mulher anônima que conseguiu vencer*".

A ligação de Silvia com a cidade é tão profunda, que praticamente não identificamos em seu discurso possíveis contradições que apontem as fragilidades deste espaço citadino, exceto em relação a duas questões. A participante reclama da violência e da falta de um hospital público que atenda bem toda a população, pois o único hospital público de Niterói - Antônio Pedro -, segundo ela, já foi bom, porém, atualmente "*está com problemas financeiros seríssimos, porque o nosso Estado, nosso país, é praticamente quebrado*". Ela ainda acrescenta, mandando um recado às autoridades, que "*a região onde eu moro, que é região oceânica, também nós estamos precisando de um hospital grande [...]. Nós não temos uma... farmácia mais. A única farmácia que tinha fechou. Não temos um açougue, não temos um mercado legal. [...]. Tomara que isso que eu esteja falando possa chegar aos ouvidos de quem tem que saber realmente disso, que são os nossos políticos*".

Dessa forma, Silvia, ao mesmo tempo em que retrata seu amor por Niterói, denuncia o que falta. Apropria-se de seu estatuto de cidadã para, através da pesquisa, apontar furos importantes e denunciar.

O aspecto político da memória, levantado por Benjamin (1994b), que entende que a rememoração é o espaço de marcar a abertura do presente que, em diálogo com o passado, vislumbra outros futuros possíveis, foi também apontado por Carvalho (2015), através de uma pesquisa realizada com moradores da favela. Para a autora, no ato de narrar, o sujeito vê-se na posição de escutado e, portanto, uma dimensão de maior engajamento pode se colocar no discurso. É a dupla posição, da narrativa que conta e da narrativa que delata, que se impõe na cena. Assim, uma determinada *ética da memória* pode ganhar corpo (CARVALHO, 2015).

Outra participante, dona Edma, de 81 anos, também viveu em Niterói boa parte de seu tempo, isto é, desde a sua infância. Ela relata orgulhosamente fatos de sua vida, afirmando que viveu muito bem. Cresceu e formou sua família, hoje tem filhos e netos, fato que muito a alegra e engrandece, apesar de todas as dificuldades por ter construído uma família extensa: “*Casei, fiz 46 anos de casada. Tenho 08, tenho 06 filhos, 05 meninos e 01 menina. Todos casados, graças a Deus. [...] Quando eu me casei, eu morei na Gavião Peixoto, com meu sogro e minha sogra. De repente, eu fiquei com 12 crianças. [...] Ai então, foi uma luta, foi vida de luta, muito trabalho, criei, costurei, fiz salgadinho pra fora. [...] Mas, minha vida foi uma maravilha!*”.

É possível perceber o orgulho de dona Edma pelas conquistas que obteve, embora com tantas crianças para cuidar e com seu trabalho informal para sustentar a casa, hoje desfruta de uma vida feliz. Todos esses momentos vividos dizem respeito às memórias afetivas as quais viveu em cada canto de Niterói, onde projetou e investiu toda a sua energia, estudando, praticando esportes, formando suas amizades, passeando e construindo sua própria família. Com orgulho, dona Edma intitulou a sua história: “*A minha mocidade*”.

A participante ainda conta que: “*Joguei basquete, vôlei no colégio, joguei no Canto do Rio, joguei no Gragoatá [...] Quando eu morava com meu irmão, eu brincava com os meninos. Todos os meninos da rua iam pra lá, a gente ia jogar futebol, jogava muito! Andei muito de bicicleta, patins*”.

Observa-se, portanto, a relação de dona Edma com vários lugares de Niterói. Assim, ao contar da sua história individual, a história mais ampla da cidade se desvela em seu discurso, tal como nos lega Halbwachs (2006) ao afirmar que toda memória é, em última instância, coletiva. Ao relatar as mudanças de moradia, conta os nomes das ruas que morou e seu enlaçamento afetivo com seus irmãos e irmãs. Sua posição em relação à cidade encontra-se com o ângulo apresentado por Silvia, pois ambas viveram desde a juventude em Niterói e concordam com as opções de diversão da cidade, bem como com a qualidade de vida que o território oferece.

Não obstante, o entrevistado Wanderley, de 57 anos, que era professor universitário, mas tornou-se morador de rua por falta de pagamento do governo, demonstrou outro tipo de relação com a cidade, quando afirma na entrevista: “*É, sou funcionário público, infelizmente (falou infelizmente de modo enfático) do Estado do Rio de Janeiro e que, em 2016, literalmente me*

jogou na rua, por falta de pagamento e porque, em janeiro, eu me aposentei, crendo que seria minha realização profissional e na verdade foi meu inferno astral”.

Wanderley aponta para a cidade em sua dimensão segregadora, que pouco respeita seus habitantes, permeada pela indiferença social que atravessa as relações. A única Niterói que o agrada era a que identificava como sendo a “*melhor vista para o Rio de Janeiro*”.

Sua história pessoal se mistura com a história nacional através da interferência do período militar na dinâmica de sua família, afirmando que tal fato o impediu de ter tido infância.

“Quando eu tinha [...] 14 anos é... meu pai que era militar naquela época, minha mãe era pianista [...] Era um dos melhores pianos de cauda, até hoje é, minha mãe tocava e papai fez um jantar e convidou os militares da época da repressão pro jantar, e foram os militares para lá, todos fardados e tal. Eu me lembro da cena, deles chegarem e uma das esposas desses chefões, desses militares, era um dos chefões da época da ditadura, tocava piano de dedinho e se encantou com o piano, viu minha mãe tocar, aquela coisa toda, acabou o jantar. Cinco dias depois, é... chegou um pessoal do exército, abriram a porta da nossa casa, levaram meu pai e minha mãe presos. Os 11 filhos ficaram dentro do apartamento, meu pai foi preso e isso eram 10 horas da manhã, quando foi umas 03 horas da tarde, chegou uma outra guarnição do exército e levou o piano. [...]. Minha infância aqui em Niterói foi nada, nada, nada. [...] A única coisa que me lembro de infância, depois foi essa, essa fatalidade, eu não tive infância”.

O único espaço que Wanderley efetivamente reconhece como positivo na cidade é a rua, bem como seus moradores. No momento da entrevista, ele já havia deixado, ainda que recentemente, de morar neste espaço, mas mantinha vínculo estreito com todos os amigos feitos por lá. Segundo o participante, são essas pessoas as mais dignas de seu respeito, pois são empáticas, cuidadosas, respeitadas, humanas. Na rua há uma fratria, espaço altamente gregário em que ninguém é indiferente a ninguém, segundo ele. Wanderley, apesar dos dissabores da vida, ainda manifesta esperança ao criar o seguinte título para sua história: “*Eu quero viver a vida e ter dias felizes*”.

Neste contexto de diferenças pessoais no circuito de produção de uma relação com o espaço, a autora Karen Worcman e Jesus Pereira (2006) afirmam que nas grandes cidades cruzam-se grupos e indivíduos com heranças históricas distintas e que, frente ao aparente caos que revela a mistura multicultural da cidade, na forma como seus habitantes a ocupam e nela

convivem, reside a sua alma, a sua história. Neste sentido, a mesma Niterói marcada pela desigualdade social, é trazida sob um outro ângulo por Wanderley ao contar da sua vida na rua, encontro inusitado entre pessoas de histórias muito distintas, mas que se cruzaram: *“E conheci esse pessoal da rua e eu te digo [...] Só uma coisa é... eu vivi 37 anos no meio acadêmico, com pessoas cultas, com pessoas de relevância, mas eu nunca encontrei pessoas tão sinceras como eu encontrei na rua. [...] Eu já tenho, consegui alugar um lugar, tô morando bem, mas quando chega sexta-feira, eu não me privo de vir aqui e encontrar com o pessoal que convivi, que me deu apoio e foi meu amigo. [...] Eu hoje com 57 anos, se você me dissesse assim: reúna teus amigos para um churrasco, seria todo esse pessoal da rua. Eu não convidaria nenhum dos meus acadêmicos, dos acadêmicos, que na hora que eu passei o sufoco, nenhum deles foi capaz de dizer assim: ‘Wanderley, tá precisando de alguma coisa?’ [...] Esse pessoal da rua... teve dias que cheguei aqui e a comitiva da comida tinha passado e um deles chegou e disse: ‘eu vi que você não estava aqui e eu pedi um pra você, toma’”*.

A fala de Wanderley se encontra com a de Irinéia, de 59 anos, também moradora de rua. Essa participante trabalhava como empregada doméstica desde os oito anos de idade, porém, quando seus patrões se mudaram, não conseguiu mais emprego. Morava com sua filha na Alameda Boaventura, no morro, até ocorrer um deslizamento de terra e perder a sua casa, indo morar na rua com sua filha e netas. Ela afirma na entrevista que: *“Eu tava trabalhando de carteira assinada, mas meus patrões foram embora para a Barra da Tijuca, eu não quis ir porque tenho meus filhos, meus netos aqui [...] E tô desempregada até hoje, aí venho para a rua assim, apanhar as coisas porque preciso, porque pra mim ajudar minhas filhas, [...] Todas elas têm filhos, eu não tenho trabalho. [...] E se não tem trabalho, tem que ficar pedindo os outros, socorro, misericórdia, porque aqui minha filha a casa caiu, tá até hoje sem receber nenhum auxílio. [...] Foi na chuva [...] Interditaram a casa dela, ela com bebezinho novo[...] E a gente tá assim”*.

Ao ser perguntada sobre o que acha de Niterói, sua resposta foi: *“Niterói é aquilo que todo mundo tá vendo [...] Eu não tenho mais o que dizer, Niterói é bom, pra mim ela é como vocês todos estão vendo”*. Embora o desemprego, a falta de apoio do governo, a ausência da aposentadoria e afins tenham-na feito viver de uma forma precária, percebe-se que Irinéia afirma que Niterói é uma boa cidade, ainda que sua resposta seja fria e distante, quase afirmando o

contrário. Talvez a participante considere que as intempéries que atravessaram sua vida foram produzidas individualmente, isto é, mais pelo modo como conduziu suas escolhas, do que efetivamente pelas condições de vida hostis proporcionadas pela própria cidade a alguns grupos sociais específicos. Não obstante, Irinéia resiste ao nomear sua história: “*Felicidade*”.

Já o entrevistado Humberto, de 54 anos, relatou sua saudade pela Niterói antiga, onde não havia asfalto e os vendedores ambulantes utilizavam jacás (cestos carregados lateralmente pelos cavalos); uma Niterói sem estrangeiros, onde todos se conheciam e se identificavam na rua. Ele afirma: “*Eu sou muito saudosista com Niterói. Porque em Niterói [...] a gente vivia mais saudável, mais seguro. Se divertia mais. E com o crescimento, muita gente de fora [...] Perdeu um pouco aquela característica. [...]. Passava um cavalo na frente da sua porta vendendo verdura, entendeu? É, o leite de vaca. Ai veio a civilização, com asfalto e tudo. É melhor o asfalto do que a lama pra você passar, mas isso na minha cabeça não é muito bem resolvido com relação a isso. Entendeu? Eu preferia uma terra batida, sem buraco, lógico, do que asfalto. Eu gostava de Niterói com festas de rua. Carnaval de rua. Entendeu? É... que você... falava do comércio pelo nome do dono do comércio. Você tinha uma referência*”.

Humberto fala sobre o progresso e as mudanças da cidade. Reconhece que algumas dessas alterações são necessárias, mas se indaga se haveria a possibilidade de história e progresso andarem juntos. Outra mudança de Niterói que o entrevistado aborda diz respeito à modernização da cidade por meio da construção de um dos principais shoppings da cidade, ao afirmar: “*O centro de Niterói, ali onde é o Plaza hoje, né? Aquilo ali tinha uma... era a Praça do Rink [...] Ali ainda tinha um ar de interior mesmo no centro. Ai com a chegada do Plaza Shopping é... já começou a coisa no entorno todo ir se modernizando. Foi lento, mas foi. A modernização mesmo do Plaza foi agora. Depois teve a construção antiga lá e eles conseguiram modernizar e crescer quantos anos depois? Pô, muito tempo! Niterói é uma cidade que pede é... o poder aquisitivo é muito alto, as pessoas têm discernimento é... têm um grau de exigência. Se você não atender a essa demanda, ele vai pra outro lugar. Vai gastar o dinheiro dele em outro lugar. [...]*”.

E, após sua reflexão sobre todas as mudanças de Niterói, Humberto desabafa: “*Eu acho que, assim, a Niterói, pra mim, ela tinha que continuar interiorana. A cidade grande, mas não precisava modernizar tudo. Ela precisava modernizar o centro da cidade, aonde é uma parte comercial pra caramba. Agora, a parte rural de Niterói não é muito grande, mas eu acho que*

precisava ser um pouco mais incentivada, vamos dizer, ao cultivo, né? É, aquela agricultura familiar”.

Atualmente, Humberto considera que Niterói se afastou de sua história, tornando-se “*uma selva de pedra*”, com poucas oportunidades, o que gera o movimento de seus moradores saírem para trabalhar e se divertir, voltando apenas para descansar, tornando-se uma “*cidade dormitório*”, visto que o Rio de Janeiro tornou-se o destino da maioria das pessoas que vivem esse fluxo migratório cotidiano. De acordo com suas palavras: “*porque trabalha a maioria no Rio e quando tem feriado saem da cidade, né? Ficar pra quê? O que tem pra fazer? Se tu olha em qualquer... ao redor aí, tem alguém oferecendo algum evento melhor do que em Niterói*”.

A fala de Humberto se contrapõe ao pensamento de Silvia e dona Edma, que consideram Niterói uma cidade de múltiplas oportunidades, especialmente para se divertir - louvando os inúmeros cinemas, praias, teatros -, tanto no presente, quanto no passado. Dona Edma contou em sua entrevista que saía para os tão esperados bailes, jogava futebol no Gragoatá, andava de patins e de bicicleta em vários lugares de Niterói, enquanto que Silvia também mencionou a importância de ter lugares para se andar de patins, bem como apontou com afeto as saídas que realizavam com suas amigas para lanchar no Plaza, um dos shoppings da cidade.

Dessa forma, pudemos perceber como cada um é atravessado pela sua experiência com a cidade, que difere muito em função do lugar social ocupado pelos participantes. Aqui percebemos que há muitas Niteróis em Niterói, espaço de contradições que acolhe e expulsa, reconhece e desvaloriza, inspira e desanima. De acordo com Ecléa Bosi (1993): “a lembrança se corporifica levando em conta a localização de classes e a profissão do sujeito.” (p. 282). É possível, por isso, entender a diversidade de histórias dentro de um só espaço, isto é, embora estes participantes habitem a mesma cidade, a formação de suas biografias deu-se de forma muito particular e atravessada por seus marcados sociais.

Em se tratando das relações familiares, Ecléa Bosi acredita que “a comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências” (1993, p. 281). Neste contexto, as relações familiares são cruciais, pois sustentam as experiências primárias dos indivíduos e amparam muitas de suas lembranças. Além disso, nossos antepassados nos revelam histórias mais distantes no tempo-espaço, fazendo-as reviver em nosso presente. Foram esses outros que trouxeram para esta pesquisa parte ainda mais antiga da história

de Niterói, por meio das memórias dos acontecimentos vividos por tabela, tal como nomeado por Pollak (1992, p. 201): “Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.

Podemos observar essa ocorrência na história do entrevistado Humberto, quando se lembrou dos momentos em que sua família se reunia no quintal, junto à fogueira, e seu pai tocava violão e contava histórias antigas e engraçadas. Humberto quis dar prosseguimento a essas histórias intergeracionalmente, contando-as a seu filho, Rafael. Ao contar sobre seu pai, já falecido, demonstra a admiração. Ele fala: *“Meu pai era um cara assim. Não sei explicar... de tão espetacular que ele era. Meu pai era assim muito... um exemplo de ser humano para ser seguido. [...] Gostava de tocar um violão... dedilhado dele assobiando. Lá na minha casa é de chão, uma casa humilde, um quintal gigante, que ele juntava as madeiras, fazia sempre a fogueira, botava o banquinho do lado, tocava o violão, ficava vendo balão, entendeu? Vendo os bichos, era muito mato! Então tinha coruja, bacurau, gambá, tudo passava lá. [...] Era geralmente inverno. É, ali a gente ficava lá, tocando violão, a gente ria pra caraca contando as histórias antigas. A gente ria muito. E essas histórias foram legais, porque muitas histórias eu contei para Rafael pequeno. Ele: ‘pai, conta história’. Ai eu pegava as histórias que meu pai contava e contava pra ele”*.

De acordo com Halbwachs: “... recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação. [...] O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (2006, p. 29). Assim, para o autor, testemunhar é compartilhar e, ao compartilharmos, ofertamos primeiro o testemunho subjetivo e particular de nós mesmos, a fim de reforçar um evento que já conhecemos e sabemos. No caso de Humberto, ao passar as histórias antigas que ouvia de seu pai, para seu filho, ele compartilha o testemunho não apenas de seu antepassado, mas primeiramente, o seu próprio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas mnemônicas podem ser consideradas constituições importantes de histórias de indivíduos que, muitas vezes, não são ouvidos, seja por serem pessoas marginalizadas, seja pelo fato do isolamento social incidir sobre suas existências. Tais memórias, contudo, possuem importância à medida em que permitem o compartilhamento e afirmação de legados culturais, que, muitas vezes, são apagados pela falta de tempo e espaço na sociedade atual.

O artigo em questão, produzido a partir de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, buscou investigar as narrativas das histórias de vida de alguns moradores de Niterói. Por meio do que denominamos *entrevistas-conversa*, os participantes, de realidades sociais distintas, puderam contar suas biografias, que revelaram a relação dessas pessoas com o território – geográfico e afetivo – em que habitam.

Foi possível perceber que marcadores sociais, históricos e econômicos atravessam o modo como os sujeitos narraram Niterói, espaço de contradições e oportunidades, grande desigualdade social, que move afetos de paixão e ódio. A mesma cidade que acolheu a necessidade de lazer, trabalho e consumo para algumas participantes, na perspectiva de outros, perdeu seu brilho justamente por não ter conseguido aliar progresso e história. Niterói, para alguns, é espaço de identificação e pertencimento, mas, para outros, é um lugar que segrega e não permite que muitos de seus habitantes se percebam como cidadãos, no sentido de poder praticar e se apropriar da cidade. É, portanto, por meio da necessidade de se conhecer histórias ainda não contadas que este artigo se propôs a abrir espaço para a memória de indivíduos que quiseram compartilhar suas histórias através de narrativas orais, desvelando Niteróis ainda pouco conhecidas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marília. **A memória em perspectiva bakhtiniana** – um limite para a neurociência?. In: PAULA, Lucianede; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.) - *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010.

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter - Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da História**. In: BENJAMIN, Walter - Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**. São Paulo: Psicologia USP, 4 (1/2), 1993. p. 277-284.
- CARVALHO, C. de S. **Nos labirintos da favela**: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção. 2015. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, vol.5, nº10, 1992.
- WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vásquez (Orgs.) - **História Falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: Sesc-SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 9-12.

Enviado em 12/04/2020

Aprovado em 15/07/2021